



LYGIA FAGUNDES TELLES: INVENÇÃO E MEMÓRIADA DAMA DAS LETRAS BRASILEIRAS

Andrea Jeftanovich
University of California, Berkeley

Lygia Fagundes Telles é uma das maiores escritoras brasileiras. Sua obra tem merecido excelente crítica tanto no Brasil como no exterior, e seus livros vêm sendo publicados com grande sucesso. A presença de Lygia Fagundes Telles na vida literária brasileira é constante também pela sua participação em congressos, debates e seminários. Sempre se renova e surpreende com sua imaginação prodigiosa, sua linguagem altamente elaborada e seu riquíssimo universo ficcional.

Advogada, contista e romancista, nasceu em São Paulo, SP, em 19 de abril de 1923. Membro da Academia de Brasileira Letras desde 1985, foi presidente da Fundação Cinemateca Brasileira em São Paulo durante quatro anos e também vice-presidente da União Brasileira de Escritores. Sua obra é prolífica: *Ciranda de pedra*, romance (1954); *Histórias do desencontro*, contos (1958); *Verão no aquário*, romance (1963); *Histórias escolhidas*, contos (1964); *O jardim selvagem*, contos (1965); *Antes do baile verde*, contos (1970); *As meninas*, romance (1973); *Seminário dos ratos*, contos (1977); *Filhos pródigos*, contos (1978); *A disciplina do amor*, fragmentos (1980); *Mistérios*, contos (1981); *As horas nuas*, romance (1989); *A estrutura da bolha de sabão*, contos (1991); *A noite escura e mais eu*, contos (1995); *Invenção e memória*, contos (2000).

Na presente entrevista feita na sua casa em São Paulo, falamos com a escritora sobre literatura em geral, e sobre dois de seus principais livros em particular: *As Meninas* e *Invenção e memória*. No romance *As Meninas*, Lygia rastreia os caminhos trilhados pela juventude brasileira, sob a influência da ditadura de 64, desde um foco narrativo cambiante onde três jovens contam a própria história através do fluxo de consciência, misturando suas falas, ações, lembranças e críticas recíprocas. *Invenção e memória* é uma coletânea de 15 contos que evocam cenas e estados de espírito da infância e da adolescência, alguns tristes e amargos, outros impregnados de humor sutil e fina ironia. Há, sim, morte, escuridão, solidão e loucura, mas há também bastante romantismo, crítica social e, principalmente, esperança.

Você tem mais de um livro que trabalha com as lembranças, a memória e a infância. Por que escrever desta perspectiva ou com estes materiais?

É bom trabalhar com isto. É bom, porque é uma forma de você se mostrar. Na infância estão os nossos fundamentos, nossas raízes. Eu acho a infância muito importante neste sentido. De um certo modo mostra e esconde sua própria natureza. Nós todos temos uma criança dentro de nós, a criança que nós fomos.

E também acho muito importante a presença da literatura na infância. Por que eu acho tão importante a leitura, e ao mesmo tempo por que eu estou achando que a televisão está destruindo muito o homem na face da Terra? Porque ela não provoca, não desafia. Eu me lembro que eu li uma biografia de Flaubert, um extraordinário escritor francês, e ele dizia que os pais dele, o pai principalmente, costumava contar histórias e ele adorava as histórias que o pai inventava e contava. Não há mais contadores de histórias. As histórias acabaram. A máquina está substituindo o homem de uma maneira atroz. Viramos máquinas!

Muitos escritores falam que suas experiências com a escrita na infância influenciaram seus futuros ofícios. No seu caso há relação entre biografia e bibliografia?

Acho que sim, para mim que alegria era ouvir Flaubert, ouvir aquelas histórias que o pai dele inventava. Não tinha televisão no tempo do Flaubert, evidentemente, então ele ouvia histórias... As histórias contadas...Eu passei minha infância nesse livro que está aí, ouvindo histórias, inventando histórias. Não tinha televisão evidentemente. Tinha só rádio, que a mamãe ouvia pondo aqueles fones nos ouvidos. Parece mais a idade da pedra lascada. Idade da pedra lascada, que mais poderia ser? Mas aí é que está, entende? O homem em contato com a natureza...o homem está perdendo a natureza, o homem está se afastando cada vez mais da terra, dos elementos... a família está sendo substituída pela técnica.

Você me pergunta quando comecei a escrever. Eu digo que antes de escrever (no papel) eu já escrevia na cabeça, porque eu inventava histórias. Eu não sabia escrever, eu inventava, contava histórias. Está nesse livro. Eu era uma contadora de histórias. Eu ouvia...eu não sabia escrever, eu inventava histórias. Até o momento em que senti necessidade de escrever estas histórias para gravá-las. Porque elas se perdiam. Eu inventava e depois esquecia...mais tarde eu punha elementos novos, e os próprios ouvintes diziam: "Mas não era assim quando você contou a primeira vez!". Aí eu comecei a sentir necessidade de gravar as histórias em palavra escrita. Não tem muito mistério.

UM PERCURSO POR "AS MENINAS"

O romance *As Meninas* oferece-nos a experiência de três pessoas em busca de si mesmas. Também, mostra os problemas cruciais que agitaram a juventude durante um dos períodos mais conturbados da história do Brasil. Por que você escolheu "As Meninas" para o título de seu romance? Por que as protagonistas, as personagens são meninas?

Este livro, é o livro que eu escrevi em 1971 e 72. Nós estávamos aqui no Brasil numa ditadura militar. Meu filho era então um adolescente e eu via aqueles jovens todos na minha casa e tive vontade de pegar, apanhar aquele instante do Brasil sob a ditadura



militar, os “anos de chumbo” como eram chamados, entre os jovens. Então, de repente, eu pensei: posso escrever um romance com três jovens símbolos desta sociedade e deste tempo.

Posso escolher uma burguesinha, uma jovem burguesa, bem arrumada, bem limpa, perfumada, alienada e longe da realidade, que seria a Lorena.

Vou escolher uma guerrilheira, porque nós estávamos contra a ditadura; os jovens contra a ditadura. Jovens estavam sendo presos e torturados e alguns até assassinados pela ditadura. Então a Lia ficou sendo o símbolo daquele tempo, justamente dos “anos de chumbo”, a Lia Mello Schultz.

E a terceira, o Brasil já estava entrando no mundo forte, no mundo da droga, do vício; claro, que depois isto se espalhou por todo planeta: nós estamos vendo a situação atual do mundo em relação ao vício. Então eu pensei na Ana Clara, que chamavam de Ana Turva, que seria o símbolo enfim, da desorganização, da desordem e da vontade de recuperação e, ao mesmo tempo, contraditoriamente, da impossibilidade dela de se recuperar diante de sua fragilidade.

Essas meninas são jovens, evidentemente. Mas no Brasil havia muito esse sistema, essa moda de dizer assim; “meninos e meninas”. Eu me lembro que meus irmãos já eram homens feitos e mamãe dizia: “Os meninos já chegaram?” - os meninos já eram homens - “Meninos, venham almoçar!”. Essa coisa, esse tipo, esse estilo afetuoso de tratar os jovens. Então as três, que já são moças feitas, ficaram sendo “As meninas”, as minhas meninas, que eu escolhi para representarem a minha sociedade e o meu tempo. Elas são os três símbolos. O escritor é uma testemunha do seu tempo e da sua sociedade. Eu quis testemunhar este tempo e esta sociedade no Brasil nestes anos de 1971, 72. O livro saiu em 73.

E a perspectiva das meninas. São adolescentes mas ainda têm alguma coisa da meninice, como que oscilam entre duas etapas da vida. Elas voltam vez ou outra às suas lembranças da infância....há uma incerteza, qual é o lugar delas, o espaço que você lhes quis dar?

Elas são adolescentes mas já estão avançadas. Você veja que são estudantes, mas eu não falo a idade delas. Eu deixo ao leitor. Eu dou muita liberdade ao leitor para que ele ou ela tire suas conclusões e me ajude também. O leitor precisa ajudar o autor, o leitor é minha testemunha. Eu trago o leitor, ele completa. Eu acho importante isto. Com essa liberdade o leitor completa as personagens, dá idade para elas. Eu não preciso dar esta idade. Eu não dou idade nenhuma. O leitor é que vai me ajudar.. O leitor é que vai me ajudar a lidar com estas meninas também. Ele põe a parte dele.. Eu acho importante isso, dar liberdade ao leitor. Você sabe que Jean Paul Sartre falava muito na liberdade; a liberdade que deve ter o autor sem condenar as suas personagens. A liberdade que deve ter o autor de não fechar as suas personagens num círculo com fronteiras. Eu gosto muito de ter esta liberdade, de dar esta liberdade ao leitor e também dar esta liberdade às próprias personagens.

No romance, Lia, Ana e Lorena exercem o papel da narração. Como você pensou o jogo da narração em três vozes, três pontos de vista ?

«As Meninas» traz três narradoras, três estudantes. Cada qual descreve o seu ponto de

vista, que juntos dão a totalidade do universo do romance. Lorena, Lia e Ana Clara convivem no pensionato Nossa Senhora de Fátima, comandado por Madre Alix. São moças dotadas de mentalidade definida e moderna. São de condição social e origens diversificadas, mas se conhecem, tornam-se muito amigas, apesar das diferenças de valores e personalidades, convivem durante algum tempo, compartilham seus dramas e sonhos, ajudam-se nos momentos difíceis e terminam por separar-se definitivamente.

Como você tentou refletir esse processo de amadurecimento e mudança com as dramáticas histórias pessoais das personagens e das circunstâncias sociais do Brasil em que elas vivem?

Eu acho que o escritor tem que denunciar as feridas do seu tempo e da sua sociedade, não curar estas feridas. Eu não tenho poder, nem econômico, nem político. Meu único poder é o poder da palavra. Eu uso esta palavra para denunciar as chagas do meu país. Esta é uma chaga, esta sociedade...Você veja que eu trago estas chagas todas de um certo modo que, às vezes, pode até parecer escandaloso, mas sem pretender fazer escândalo. O escritor tem, sim, que ser esta testemunha desse tempo, dessa sociedade, com todas as suas coisas ruins e também com as coisas boas. Você veja que neste livro as meninas têm muitos sonhos; a Lorena é sonhadora. E ao mesmo tempo, as meninas têm surpresas. Esta Lorena, que é tão alienada, tão dançarina - ela fica dançando em cima das coisas - , tão... tão distante, ao mesmo tempo no momento em que morre a Ana Clara, ela toma os freios. Ah, eu gostei deste trecho. Ela segura as rédeas. Ela tão fraca, tão frágil, mas ela ao fim é quem segura as rédeas. De repente, é uma revelação. Eu gosto... são as surpresas da natureza humana. Eu quis dar esta liberdade para a natureza humana que é imprevisível: um grão de loucura, um grão de acaso e um grão de imprevisto. Este espanto que é a natureza humana. No final a Lorena tão frágil, tão tola, é ela quem segura as pontas e ela é que resolve o problema da moça drogada que morre em face da overdose. Ela ficou mais forte do que a outra, do que a guerrilheira. E, de repente, frágil. Ela é frágil, mas, de repente, é uma surpresa...é a natureza humana. Eu acho bonito isto, nos jovens e nos velhos, em todos, esse imprevisto, esse inesperado....

É muito interessante a função dos sentidos em seu romance. Eu estou falando das cenas quando elas lembram dos cheiros da infância. Por exemplo, a imagem do homem comendo pêssego na rua como a descoberta do prazer.

É muito sensual este trecho...O homem comendo pêssego. Assim a força... Quer dizer, porque a Lorena é virgem. A Lorena não tem esse contato com nenhum homem. A Lorena ainda está descobrindo as coisas. Ao mesmo tempo, estas tentações dela são um pouco infantis, mas fazem parte dessa natureza que está se desabrochando e que fazem com que a Ana Clara, que é a drogada, ache Lorena uma idiota, uma tonta. A Ana a considera uma superficial, um "inseto de óculos". Ana Clara é uma personagem que me apaixonou muito.

A personagem da Ana Clara também tem muitas lembranças dos cheiros da meninice. Por exemplo, a experiência com o doutor Algodãozinho, que é a experiência de um abuso sexual na infância.



É a miséria., Essa miséria da infância da Ana Clara, com a mãe. O ódio que ela tem daquela circunstância, sem esperança; os homens da mãe, aqueles homens que passam... Tem uma cena que eu gosto: é quando ela lembra quando jogou uma barata dentro da sopa, e a barata nadando.. Aquela cena é muito forte. É boa essa cena, eu gosto. A barata nadando na sopa que vai tomar o amante da mãe... Essa cena é boa. A barata no "crawl", nadando, ela joga a barata na sopa do cara que mora com a sua mãe. E depois quando a mãe morre, a raiva dessa morte, e a vontade com o amante que ela tem, com o rapaz, a vontade que ela tem de fazer parte desse mundo dele, esse mundo do amante, do jovem amante. E ao mesmo tempo o jovem não tem nada, o amante está em decadência, fez parte de uma família importante, mas está decadente.

Ana Clara tem um curioso ódio compulsivo pela pintura moderna, mas parece ser que isso é "ponta do iceberg" de outra coisa. Parece que nessa mania, com a forma do mundo externo e a biografia se encontram de algum modo profundamente marcados no seu inconsciente.

Ela fala disso porque o cara que, naturalmente, vai se casar com ela, gosta daqueles quadros. Mas ela não gosta daqueles quadros modernos. Ela detestaria o Picasso, por exemplo, na fase mais adiantada. Porque o Picasso no começo era clássico. Os retratos, toda a pintura de Picasso, a mãe, o pai, que ele retratava eram retratos clássicos lindíssimos. Eu quero dizer lindos sob o ponto de vista da beleza clássica, da beleza convencional. Depois, quando ele foi para a França é que ficou abstracionista, aquela coisa toda. Ana Clara, por exemplo, detesta imaginar quadros abstracionistas. Ela quer tudo em ordem. Ela não teve essa ordem, essa beleza organizada. Ela não quer nada quebrado porque já teve uma infância e uma adolescência completamente quebrada, partida e estilhaçada. Ela quer as coisas em ordem, as coisas no lugar. Então esse homem, que ela chama de Escamoso, de escamas, talvez dê a ela essa situação da beleza pura que ela quer; a tradição, a ordem, as coisas nos lugares.

Eu gosto da Ana Clara justamente porque ela tem a vontade. Porque ela fica com ódio da amiga, da Lorena, que tem tudo aquilo, que tem dinheiro, que teve essa infância rica e tudo mais. Ana Clara fica com ódio de Lorena por ser uma idiota, de não aproveitar esta tradição, esse passado que ela não pôde ter. E que ela procura, mas que não terá nunca porque morre.

Falando da Lorena, eu achei interessante o fato de que ela era a única da família que podia falar da morte de seu irmão, porque a mãe fica mergulhada no álcool, e o pai se esquece e some no hospital.

Você veja que a própria Lorena duvida que tenha acontecido isto, porque ela ficava imaginando. Ela inventou isto porque a mãe também não passa a realidade para ela. A morte daquele irmão foi uma fantasia da Lorena. Talvez em sua cabeça, ela inventou que um irmão matou o outro, o Rômulo e o Rêmulo. Existe um irmão, esse que manda as coisas para ela, que é diplomata e está dentro da "carrier" (ele é diplomata, está dentro do Itamaraty, então é "carrier"). E o outro, existiu realmente ou ela inventou? É um jogo de incertezas.

Mas no romance a mãe tem outra explicação, quando fala com a Lia, fala que morreu menino, que morreu bebê.



Isso também pode ser uma invenção, você não sabe. Eu gosto de dar esta liberdade ao leitor e a mim mesma, autora. Eu também não sei o que aconteceu. A memória das coisas traumáticas oscilam entre a verdade e a ficção. É verdade isso que a Lorena diz, que esse irmão deu um tiro sem querer no outro? Coisa de menino brincando... Esta versão é uma versão que não fica esclarecida. Mas as coisas na vida não ficam claras, nunca. As coisas na nossa vida real não ficam muito claras nunca, nunca.

O amor que experimentam as personagens de *As Meninas* é um sentimento ruim, perigoso. Lia ama Miguel que é um guerrilheiro que fugiu da Argélia, Lorena está apaixonada por este doutor que é casado, Ana ama um drogado. Por que o amor nestas personagens é um sentimento extremo, destrutivo?

Existe esse doutor? Não sei. Ela diz que existe. Ela diz que espera um telefonema dele. Acredito que ele existe, mas é mais uma fantasia dela. A vontade do amor, a vontade do pai... A Lorena é carente do pai. O amante seria o pai; é para tomar conta dela, para dar uma direção, o pai. De um certo modo ela perdeu o centro: a mãe, os crimes, o amante, o gigolô, o amante jovem.

No romance *Ana Clara, Lorena e Lia* parecem mais fortes que seus pais. São frágeis, mas às vezes são mais fortes que os adultos. Por exemplo, quando a Lia fala com a mãe de Lorena, acho que ela está mais certa. Você tentou mostrar isso?

São mais definidas, mais fortes. Justamente, como são meninas soltas na vida, estão amparadas pelo colégio, pelo pensionato das freiras, mas as freiras são fragilíssimas. Tirando a madre superiora, que é forte. A madre superiora sabe das coisas, essa sabe... as outras são meio assim, meio bobinhas. Mas as meninas se fortaleceram juntamente diante da fragmentação, da desapareição das famílias. Elas estão longe das famílias, elas perderam o paraíso. O paraíso perdido seria a infância. Elas foram mal criadas, e agora estão se desenvolvendo longe das casas.

E como é a relação que às personagens desenvolvem ou estabelecem com o mundo exterior? Por exemplo, Lia, a guerrilheira, está vendo a pobreza, o sofrimento. E, Ana Turva quase não vê o mundo de fora.

Não, Ana tem horror desse mundo, mundo podre. Ela quer um quadro de Renoir quando ela ficar rica. Ela quer um quadro de Renoir na sala dela. Ela quer as roupas, as

roupas todas, porque ela acha uma coisa podre, encardida, porque ela já teve que encarar a realidade. Ela já teve a mãe, os amantes da mãe, aquela miséria, o doutor Algodãozinho. Ela já teve isso tudo. Ela sonha com a beleza, com as coisas arrumadas, com tudo limpo, tudo perfeito. E Lia, a guerrilheira, liga-se com o mundo pela política, ela é uma jovem política, com as suas ambições, com seus sonhos de ascensão social.

OUTROS LIVROS

Quanto há de memória e quanto há de invenção no seu livro *Invenção e Memória*?

A memória e a invenção estão misturadas. Quando você dá ênfase ao relato de um fato, você sempre acrescenta algo. Logo se torna difícil fazer a distinção, mesmo porque a invenção se torna o sal da memória. É uma forma de trabalhar com a ficção. Dá um outro rumo, uma certa aventura dentro da realidade. Lembro uma frase de Aristóteles: As coisas quando são narradas pelo ficcionista não são as coisas que aconteceram, mas que poderiam ter acontecido. Esse pensamento Aristotélico talvez explique a razão do nascimento deste livro.

O livro *Invenção e Memória* tem muita memória minha, da minha infância. Meu pai era um homem boêmio, um homem bonito...era um homem muito bonito e muito inteligente, de uma família rica... era um jogador, um jogador de roleta. Perdeu tudo. Ficamos muito pobres. Então passamos minha infância por essas cidades do interior do estado de São Paulo, e de algumas cidades eu falo aí. É verdade, isto tudo é verdade. Mas algumas coisas que aconteceram aí, que eu relato, que aconteceram em volta desse meu pai, dessa minha mãe; ... é verdade ou é mentira? Não fica claro, deixo ao leitor. O leitor que resolva. Esta liberdade eu posso dar ao leitor.

Você trabalha sempre com personagens distintas ou às vezes retoma algumas de livros antigos e lhes dá uma “nova vida” em um novo texto?

Tenho outro livro, *A noite escura e mais eu*, que vem de um verso de uma poeta brasileira muito boa, chamada Cecília Meireles. O verso, a estrofe é a seguinte: “Ninguém abra sua porta para ver o que aconteceu/Sáimos de braço dado, a noite escura e mais eu.” Esse livro tem um conto que se chama “Dolly”. Essa Dolly é muito semelhante à Ana Clara de *As Meninas*. O apelido dela é Dolly, porque ela diz: “Não, com esse nome a gente não pode, com o nome Maria da Conceição e tal, com esse nome eu não posso ir para Los Angeles”. A Dolly, de certo modo, tem um parentesco com a Ana Clara. Também bebe e também morre, naturalmente. Não morre de overdose. Essa Dolly morre em uma farra, em uma festa que acontece na casa dela, à maneira do Chico Bóia. Houve um ator norteamericano que se chamava aqui no Brasil “Chico Bóia”. É um comico, gordo, feioso, mas muito importante na América do Norte. Esse ator introduziu uma garrafa na vagina de uma jovem que estava no hotel com ele durante uma festa. Essa jovem morreu, isto tudo é verdade. E esse fato, que foi um crime, claro - ele estava de porre, tinha bebido, é condenado e tal - esse fato que acontece em LA, acontece com essa Dolly, de uma maneira tão estranha, mas que de um certo modo se repete aqui no Brasil

De um certo modo você trouxe de volta, em outras circunstâncias a Ana Clara

querendo sair da sua triste vida, mas com uma Dolly querendo sair do terceiro mundo, para passar para o primeiro mundo.

Esse conto "Dolly", é justamente a situação do Brasil. É um conto que se passa no começo do século, mil novecentos e vinte e pouco, começo do século passado. Você vê nessa jovem Dolly, a imitação, a vontade de imitação do Brasil em relação a América do Norte. A Dolly quer ser uma estrela, como uma estrela norte-americana. A vontade dela do brilho, do fulgor, dentro da nossa pobreza, dentro das nossas condições tão precárias do Brasil nesse tempo. Ela quer ganhar um concurso de beleza para poder ser uma estrela em Hollywood. O que ela quer é justamente o que o terceiro mundo quer, o que o Brasil quer, que é entrar no primeiro mundo.

O CINEMA, A CULTURA E A LITERATURA DO BRASIL

Seu romance *As Meninas* inspirou um filme. Como foi para você essa experiência da "tradução" da palavra escrita para a linguagem visual?

O filme foi bem feito, foi feito com cuidado, com delicadeza, mas eu achei que não se aprofundou. Por exemplo, a parte política do livro não apareceu nesse filme. A política é tão importante, a luta da moça, da Lia, e da própria mãe superiora que dirige aquele pensionato tão esquisito. Mas que ao estar lá dirigindo o pensionato, a própria mãe superiora está comprometida com a situação do país. Agora a Ana Clara não vê nada disto. Ela está flutuando, flutuando, flutuando... E o filme, infelizmente, não se aprofundou nas personagens, não entrou mais fundo, ficou mais na superfície. É muito difícil para o cinema se aprofundar nas personagens. O cinema pega o romance e é difícil entrar lá no fundo, lá nas profundezas desse mar, é difícil.

Principalmente o nosso cinema, que é um cinema pobre. O cinema norte-americano consegue fazer isto. Eu me lembro agora de um filme, que é uma beleza, baseado num livro, que é uma beleza de livro: "Morte em Veneza", de Thomas Mann. O filme é uma beleza. Mas tem grandes atores, grande música, grandes hotéis, grandes diretores... Um diretor que consegue fazer isto muito bem, e que faleceu há pouco tempo, é o Kubrick. É uma coisa...Esse é um gênio! Agora o cinema nacional brasileiro está tentando, está com muita força, mas ainda não tem dinheiro para a escolha das personagens, dos ambientes...É difícil, é difícil ainda... Então as coisas ficam um pouco limitadas, mas o cinema está indo bem, apesar de tudo.

O cinema brasileiro ainda não desabrochou, está indo muito bem, mas ainda não...devido justamente ao fator econômico. O cinema norte-americano é o mais rico do mundo... então eu citei há pouco um filme deslumbrante, que foi feito baseado em um livro, que é o "A morte em Veneza" de Thomas Man. A mãe de Thomas Man era brasileira, Dona Júlia... Não índia; brasileira. Porque houve uma tese de que seria uma índia. Não, não índia. Era uma brasileira, assim como eu. Mas a mistura, com as misturas todas... Eu não vejo em mim, não vejo em minha família, a ascendência africana, mas vejo a indígena. Descendo de um português chamado João Ramalho e de uma índia chamada Bartira.

E essa é uma regra na cultura brasileira: muita imaginação, mas poucos recursos?

O brasileiro é muito imaginoso. O brasileiro é imaginoso e eu atribuo esta imaginação do brasileiro à mistura das raças. Tem um índio...um índio. Eu descendo de índio, tenho índio no sangue. Tem o português também, tenho português. Tem o italiano, eu tenho também sangue italiano. Tem o árabe, o japonês... Este caldeirão de raças das imigrações, isto tudo dá uma riqueza muito grande ao brasileiro e também, evidentemente, à natureza. Então o brasileiro é muito imaginoso, é muito fantasioso. Esta mistura das raças: tem o africano, tem o português, tem o italiano, tem o espanhol, tem o japonês, tem o árabe... tem tantas raças que vieram... É um caldeirão, é um caldeirão de raças. Isto é muito bom, porque isto faz com que esta mistura enriqueça não somente do ponto de vista estético. Você veja: jovens em Santa Catarina e Rio Grande do Sul são muito belos. Mistura da raça. Este preconceito com relação às raças que não existiu no Brasil, tendo em vista as correntes estrangeiras, isto enriqueceu muito o Brasil. É isto que eu acho rico, estas influências, estas perplexidades... É isto tudo que é importante. O que faz, eu volto a dizer, de nossa literatura uma literatura muito rica. A literatura brasileira é da melhor qualidade.

Qual é sua visão como escritora da tradição da literatura brasileira? Que é o específico da literatura brasileira?

A nossa literatura é da melhor qualidade. É uma pena que nossa língua, que é o português, com o estilo brasileiro, não seja muito conhecida. Eu não falo como uma portuguesa. Este nosso estilo brasileiro, eu considero o sal do português, da nossa língua, da língua portuguesa. É o sal, não é o açúcar, é o sal. Escrevemos em português, mas o estilo é brasileiro. Machado de Assis, que é um grande escritor nosso, extraordinariamente bom, era mulato, era epilético, era feio, era gago e pobre! Tudo junto, horrível. No entanto fundou a Academia Brasileira de Letras. Ele o conseguiu, e sabia línguas. Antes da morte, aos setenta e poucos anos, ele estava aprendendo alemão, grego. Tinha uma sede de conhecimento, uma curiosidade, que é o que é importante na natureza humana. Ele entrava em todas as literaturas, ele lia tudo, ele sabia tudo. Nossa literatura é rica e variada, como nossa cultura.

Quais são os eixos da Lygia Fagundes Telles-escritora ?

Eu não posso conviver com o pessimismo. Aí paro de escrever. Não morro, mas é como se tivesse morrido. Mas nunca me senti realizada como escritora. Meu sentimento em relação à literatura é de insatisfação. Quando o escritor se sente realizado, completo, maravilhado, ele está perdido. Porque o mundo é doente. Infelizmente, a maioria dos escritores se sentem como modelos nas passarelas. Eu realizo um trabalho honesto e o prêmio é uma recompensa a essa busca que o sofrimento da produção nos proporciona. Escrevo para contribuir para o mundo. O que interessa não é esses óculos, essa bolsa, meus brincos. O que interessa é a imortalidade de minhas palavras.

* Esta entrevista foi realizada graças às bolsas de estudo Humanities Research Grant e do Center for Latin American Studies em Berkeley.